

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: 486

Data: 11.08.85

Pg.: 11

Seminário reabriu a questão dos minérios



Geólogo enfoca problema dos minerais

Aconteceu sexta-feira, 10, seminário sobre a questão da Mineração na Amazônia Ocidental. Os debates se deram no Salão Cidade de Manaus — A CRÍTICA, quando diversas entidades estiveram discutindo sobre a problemática da mineração em detrimento a demarcação das terras indígenas.

O seminário foi aberto pelo diretor executivo de A CRÍTICA, José Maria Pinto, que falou sobre os inúmeros problemas que o polémico caso acarreta nos meios sociais, fazendo com que os meios de comunicação de massa passem a veicular todas as afirmações que as entidades emitem, defendendo cada qual, o seu ponto de vista, ocasionando uma total falta de opinião no leitor, que fica indeciso quanto a veracidade de cada fato apresentado pelas entidades.

As esplanadas, a princípio, ficaram apenas a nível de trocas de informação, onde as pessoas falavam de suas experiências, estudos e pesquisas sobre a mineração. O seminário foi tomando corpo, a partir do momento que as idéias entravam em choque, umas com as outras, gerando inclusive, alterações na tonalidade vocal, mas, sem grandes consequências.

Para o debate foram convidados o Governo de Roraima, ministro Bayama Deny — Chefe da Casa Militar —, Assembléia Legislativa, Prefeitura Municipal, Ministério das Minas e Energia, Ministério da Justiça, Funai de Brasília, Funai de Manaus, CPRM, DNPM, Fundação Universidade do Amazonas, Governo do Amazonas e o Instituto Nacional de Pesquisas para a Amazônia — INPA, além do sr. Camélo, presidente do Sindicato da Indústria Extrativa do Estado de Rondônia. Outras entidades também se fizeram presente, bem como pessoas que se

mostraram interessadas pela temática do seminário.

A Associação Brasileira de Antropologia enviou telegrama, dizendo estar preocupada com pressões para invadir a região de Surucucus, ao mesmo tempo em que repudiou o desrespeito aos direitos indígenas, considerando que a solução para o problema dos garimpeiros não pode acarretar prejuízos aos Yanomani. Outro telegrama recebido pela coordenação do seminário, assinado pela CCPY — Comissão Pela Criação do Parque Yanomani — diz o seguinte: "Os sem-terra sempre foram colocados pelo poder econômico como adversários da sociedade nacional. O enfrentamento dessas classes sociais com os indígenas sempre ameaçou os povos índios, especialmente tratando-se de populações isoladas como os Yanomani vivendo na serra de Surucucus. A única forma digna de resolver a questão indígena e dos pobres sem terra é de respeitar sua identidade, seus direitos e necessidades sem fomentar agressão. No caso Yanomani a agressão pode reverter-se na sua extinção como povo".

Um dos fatos mais comentados e repudiados no seminário, foi o não comparecimento do Departamento Nacional de Produção Mineral DNPM, que, inclusive, fez questão de fazer a abertura do debate, dias antes. Na quinta-feira, a A CRÍTICA procurou a diretoria daquele órgão. Ao ser recebido, o repórter foi noticiado que o sr. Fernando Burgos, diretor do DNPM, estava viajando e, ao procurar o vice-diretor, sr. Franco, foi informado pelo próprio que, só quem podia dar entrevista em nome daquele departamento era exatamente o diretor que não se encontrava em Manaus.

A tônica do debate ficou em torno da

mineração em áreas indígenas e a relação entre garimpeiros e grandes companhias de mineração. Salomão Cruz, geólogo roraimense, chamou a esquerda brasileira de "burra", justificando que ela faz aliança com estrangeiros — citou Cláudia Andujar — coordenadora da CCPY. Outro lance de muito impacto foi quando o líder dos garimpeiros, José Altino falou que a invasão de Surucucus foi culminada em fevereiro, exatamente para bloquear o que vinha acontecendo. Ele lembrou que na região de Surucucus não havia índios e que, o ex-ministro Mário Andreazza mandou colocá-los ali, para impedir o acesso de garimpeiros, ou para benefícios futuros.

UNB PRESENTE

O professor-doutor do Departamento de Geologia da Universidade de Brasília, Jorge Barros, esteve presente ao seminário e elogiou a intenção de A CRÍTICA quanto ao legítimo esclarecimento da população sobre os fatos que são de grande interesse e que, só se são mais esclarecidos por haver atuação de órgãos que se fizessem presentes estariam somando para o crescimento da região amazônica.

Ele é dono de uma tese sobre mineração na Amazônia — "Estratégia Exploratória para o Ouro do Tapajós" — e comentou que as pequenas empresas não devem seguir as grandes empresas, e sim, tentar adaptar novos elementos aos equipamentos já utilizados na área, pois, segundo ele, é inviável para a Amazônia os grandes empreendimentos. "O mal das grandes empresas é desconhecer a região. Eles fazem grandes investimentos e, como não há retorno imediato, chegam a abandonar as áreas".